

# Cyberbullying: o complexo *bullying* da era digital

Drº João Marcelo Rondina  
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP  
Email: rondina@outlook.com

Julia Lucila Moura  
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - SP  
Email: juhLucila@hotmail.com

Profª. M.e. Mônica Domingues de Carvalho  
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - São José do Rio Preto - SP  
Email: monicadominguesc@gmail.com

---

## Resumo

**Objetivo:** expor a dinâmica do cyberbullying, o impacto provocado em vítimas, agressores e testemunhas, as estratégias de enfrentamento do problema e as formas de prevenção. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, que utilizou procedimentos de coleta de dados bibliográficos em publicações periódicas de cunho científico e acadêmico. **Resultados:** as medidas para combater o cyberbullying serão mais eficientes se cada usuário da internet seguir a netiqueta, fazendo valer a ética no ambiente virtual.

**Palavras-Chave:** Cyberbullying. Bullying. Ambiente virtual. Internet.

## Cyberbullying: the complex *bullying* in the digital age

### Abstract

**Objective:** exposing the dynamics of cyberbullying, the impact caused victims, perpetrators and witnesses, the coping strategies and prevention ways. **Methods:** This is a research of the exploratory type, which used bibliographic data collection procedures in periodic publications of scientific and academic nature. **Results:** measures to combat cyberbullying will be more efficient if internet users follow netiquette, enforcing ethics in the virtual environment.

**Keywords:** Cyberbullying. Bullying. Virtual Environment. Internet.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, os jovens expõem sua identidade em múltiplos contextos digitais. À medida que crianças e adolescentes intensificam sua interação com as novas tecnologias e aumentam sua participação em redes sociais, criando perfis públicos e compartilhando informações pessoais, novos dispositivos tecnológicos são criados em resposta a essa demanda (1).

Nesse cenário de tecnologia e mundo globalizado, a violência moral e reacional não se limita mais ao espaço físico. Dessa forma, o *bullying* tradicional, frequentemente praticado nas escolas, ganha o ambiente virtual na forma de *cyberbullying*.

*Bullying* originalmente vem da palavra *bully*, que como adjetivo significa “valentão” e como verbo, “tiranizar, brutalizar”, ou seja, maltratar, tratar abusivamente (2). *Cyberbullying* consiste em um fenômeno recente considerado um tipo de ato ou comportamento agressivo, praticado repetidas vezes no ambiente virtual por um grupo ou indivíduo contra uma vítima que não pode defender-se facilmente (3). Smith e seus colaboradores (4) relataram a prevalência, no Reino Unido, de 14,1% de *cyberbullying* em relação a outros tipos, manifestado em mensagens escritas ou imagens enviadas através de celulares ou mensagens instantâneas (2,5).

As definições para *cyberbullying* são muitas, mas convergem ao apontá-lo como ato obrigatoriamente intencional, prejudicial a outrem e feito repetidas vezes, causando desequilíbrio de poder entre vítima e agressor, bem como envolvendo dispositivos eletrônicos e o ambiente virtual. Em um estudo holandês, os critérios para considerar um ato como *cyberbullying* são: ataque intencional, proposital, recorrente e que causa estresse psicológico. (6).

O ato, analisado com base na perspectiva do agressor, só é

considerado *cyberbullying* se for intencional. Todas as leis pertinentes exigem que se avalie o ato como proposital ou não, assim como prevê alguma forma de prejuízo à vítima (7).

A ideia de repetição no *cyberbullying* é diferente do *bullying* convencional, uma vez que a publicação de uma foto na web, por exemplo, é compartilhada com outras pessoas sem que necessariamente o perpetrador esteja envolvido de modo direto. Um único ato do perpetrador será repetido por outras pessoas e afetará a vítima diversas vezes (3). Para Gámez-Guadix e colegas (8), bem como Ybarra e Mitchell (9), a execução de uma ou duas ações já satisfaz os requisitos de definição. Cabe esclarecer que um ato isolado pode não se enquadrar na categoria de *cyberbullying*, porém basta para isso que uma única postagem se torne “viral” na Internet e haja evidência de compartilhamento e distribuição via e-mail, redes sociais ou outros recursos de mídia digital (7).

O ambiente virtual proporciona maior sensação de liberdade aos jovens, mas também uma menor inibição de suas emoções, incluindo as negativas como a raiva (10). Quanto mais tempo o jovem interage virtualmente, maiores suas chances de sofrer *cyberbullying* (1),

pois no ambiente virtual a livre expressão costuma se dar sem controle social, e é muito difícil remover as informações de um website (11).

Devido à grande abrangência da Internet na sociedade atual, o *cyberbullying* não é restrito a algumas partes do mundo, mas um fenômeno global que acomete grupos em diferentes culturas e contextos (12). Um estudo realizado na Turquia comparou os resultados registrados em 36 artigos sobre o tema, de diversas nacionalidades, e concluiu que os problemas trazidos pelo *cyberbullying* são de fato globais (10).

Tendo em vista ainda os aspectos do desequilíbrio de poder e do prejuízo, principalmente no âmbito psicológico, alguns autores dividem o *cyberbullying* em subcategorias. Por exemplo, para Tanrıku, Kınay e Arıcak (13), existem duas:

- a do *bullying* eletrônico: é o lado técnico da agressão, que abrange mandar e-mails infectados ou com spam, invadir websites e capturar a senha dos outros on-line;
- a da e-comunicação: é o lado psicológico da agressão, que abrange provocações, apelidos, boatos e insultos na Internet.

## MÉTODOS

Trata-se aqui de uma pesquisa do tipo exploratória, que utilizou procedimentos de coleta de dados bibliográficos em publicações periódicas de cunho científico e acadêmico. Aplicou-se a técnica de revisão de literatura proposta por Sampieri, que apresenta uma sequência de ações e critérios para realizar um levantamento bibliográfico preciso e completo: usar bases de dados confiáveis e referências recentes, publicadas nos últimos cinco anos; consultar no mínimo quatro periódicos científicos renomados e indexados; acessar pelo menos três motores de busca acadêmica e cinco descritores (palavras-chave) sobre o tema.

Para a realização do estudo, foram consultadas as bases de dados científicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System On-line (MEDLINE), Scientific Electronic Library On-line (SciELO), SCOPUS, Ovid e American Psychological Association (APA-PsicINFO). São bases de dados que oferecem acesso a periódicos de comprovada relevância na comunidade científica nacional e internacional.

Os motores de busca acadêmica acessados foram o Portal Periódicos Capes, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), CiteSeerX e Pubmed-NCBI. Os descritores utilizados para busca das referências nas respectivas bases de dados científicas e motores de busca acadêmica foram: “*bullying*”, “*cyberbullying*”, “violência virtual”, “Internet” e “ciberespaço”. Os descritores foram validados em dois sistemas de terminologias indexadas na área da saúde: os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e o Medical Subject Headings (MESH).

Os critérios estabelecidos na metodologia adotada no estudo permitiram a seleção de referências com as seguintes características: artigos científicos, publicados preferencialmente nos últimos cinco anos, nos idiomas português e inglês, em revistas indexadas, presentes nos índices Journal Citation Reports (JCR) e Periódicos Qualis (WEBQUALIS). Foram atendidos todos os critérios necessários para a realização de uma revisão de literatura com excelência, como, por exemplo, o uso de cinco motores de busca acadêmica, especializados na área da saúde (BVS, Pubmed), na área de ciência da computação (CiteSeerX) e de uso geral

(Google Acadêmico e sistema de busca do Portal de Periódicos Capes).

## RESULTADOS

A vítima do *cyberbullying* tem de lidar com novos desafios impostos pela Internet e pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs): além da difamação sofrida, há o sentimento do agressor de menor inibição e responsabilidade por seus atos, conferido pelo ambiente virtual (14). Os adolescentes que utilizam com frequência as redes sociais e costumam encontrar outras pessoas on-line sem se preocupar com a segurança dos seus dados pessoais divulgados no perfil são mais vulneráveis (12). Evidências sugerem que a vítima adolescente tende a prolongar essa condição até a fase de adulto jovem e que uma vítima de *bullying* convencional tende a sofrer também *cyberbullying* (15, 16) O estudo de Svoboda (17) afirma que aproximadamente um em cada quatro adultos tem experimentado abuso on-line ou conhece alguém que o tem.

O *cyberbullying* não possui limite de espaço físico, não acabando quando se deixa a escola ou o ambiente em que a agressão acontece (13). As vítimas tendem a ser alvos de pessoas conhecidas, e a invisibilidade dos

agressores pode criar uma sensação de vulnerabilidade para as vítimas, que não sabem como escapar. Além disso, a amplitude do público potencial no *cyberbullying* pode agir para agravar sentimentos de humilhação e isolamento.

As vítimas resistem a alertar os adultos porque temem a perda do acesso às tecnologias e uma retaliação maior por parte do agressor, bem como creem que os adultos não poderiam fazer nada para mudar a situação mesmo que tentassem. No estudo de Cross e colegas, 45% dos jovens que sofriam *cyberbullying* e contaram a um adulto relataram que as agressões pioraram após a denúncia.

Outros motivos para o silêncio incluem não saber a identidade do agressor, não confiar na capacidade dos educadores de compreender ou resolver a situação de forma adequada, bem como temer ser julgado mentiroso ou culpado pela própria resposta agressiva ao *cyberbullying*. Temem que a situação seja banalizada e se preocupam em serem rotulados como medrosos (18).

O perfil das cybervítimas não é de agressividade, o que sugere que sua tendência à solidão se deve a experiências ruins que tiveram entre pares (19). Podem desenvolver

depressão, sofrer sintomas do transtorno de estresse pós-traumático e até mesmo pensar em suicídio (17).

Incidentes envolvendo fotos e vídeos são os piores para as vítimas (15), porque, na maioria das vezes, são compartilhados e visualizados inúmeras vezes por centenas ou até milhares de pessoas que a vítima nem sequer conhece. No *cyberbullying*, as testemunhas perpetuam o ato e podem ou não conhecer presencialmente a vítima e o perpetrador (13).

Um estudo feito com 118 alunos do primeiro ano de psicologia de uma universidade em Lisboa, com idades entre 19 e 50 anos, identificou três tipos de testemunhas (14):

- testemunhas das vítimas (61,4%): aqueles que testemunharam algum episódio de *cyberbullying* a partir do conhecimento obtido por meio do sofrimento da vítima;
- testemunhas dos agressores (10,0%): os que presenciaram o comportamento hostil dos agressores;
- testemunhas do tipo misto (27,1%): aqueles que testemunharam tanto o sofrimento e desconforto das vítimas, como também o

comportamento de intolerância dos agressores.

Um único ataque pode permanecer on-line ou no celular das testemunhas por muito tempo, prolongando a exposição e o sofrimento das vítimas (20, 3). Isso faz das testemunhas peças fundamentais no combate e na prevenção ao *cyberbullying*. Elas precisam saber que, sem acarretar consequências para si, podem reduzir a agressão e, conseqüentemente, o sofrimento das vítimas pelo simples fato de mostrarem desaprovar os *posts* e ataques *on-line* (17, 14).

Para os indivíduos que testemunham atos de *cyberbullying* terem a iniciativa de combatê-lo, precisam de noções básicas de *netiqueta*: amplo conceito que abrange o senso de moralidade e valores éticos no mundo virtual. Quanto maior for o respeito à *netiqueta* de um indivíduo, menos exposto estará a atos de *cyberbullying*.

Uma pesquisa envolvendo 1200 adolescentes da Coreia do Sul, em amostra randomizada, constatou que 20,4% dos entrevistados praticam *cyberbullying* com outras pessoas, 64,4% das cybervítimas também praticaram *cyberbullying* e – o mais alarmante – 87,8% dos cyberbullies e

80,6% das cybervítimas já testemunharam um ato de *cyberbullying* com outra pessoa (21). Isso comprova a importância da ação das testemunhas contra o *cyberbullying*, uma vez que elas podem ajudar a combatê-lo se o denunciarem, bem como podem perpetuá-lo se o omitirem.

A característica principal a distinguir um agressor é o anonimato: embora os atos possam ser executados na frente de uma vasta plateia simultaneamente, a identidade do perpetrador permanece desconhecida (15). Tal anonimato torna a situação mais difícil de ser enfrentada pela vítima e menos compreensível. O fato de as crianças e adolescentes não saberem quem os agride nem o porquê os incita a um comportamento mais agressivo do que o normal e torna o ambiente on-line propício para os agressores e para vítimas de *bullying* tradicional que queiram se vingar (22, 10).

Além disso, *cyberbullying* oferece menor oportunidade de empatia e remorso porque o agressor não tem contato direto com a vítima e seu sofrimento. Isso permite a desinibição e desindividualização do outro (18). Contudo, praticar *cyberbullying* está mais relacionado à funcionalidade psicológica precária e a dificuldades

externas: os praticantes têm pior qualidade de vida apesar de não terem dificuldade de relacionamento social e entre pares (15). Pesquisas mostram que tanto as vítimas quanto os agressores usam a Internet como forma de lidar com os sentimentos de angústia, estresse e sofrimento (12). O ambiente virtual serve para aperfeiçoar modos de agressão, agravando os atos violentos e tornando-os constantes (23).

Uma pesquisa em escolas australianas com 3112 estudantes da 6ª à 12ª série avaliou praticantes de *cyberbullying*. O resultado foi que 8,9% dos estudantes relataram agredir outros virtualmente e a maioria dos que agredem não achou que o seu ato era rude ou que teve impacto sobre as vítimas. Em contrapartida, os agressores tiveram maiores pontuações nas escalas de estresse, depressão e ansiedade (24).

Os motivos para que ocorra o *cyberbullying* foram investigados em um estudo qualitativo de Varjas, Talley, Meyers, Parris e Cutts (25), que descobriram poderem dividi-los em três categorias: a dos internos – vingança, tédio, ciúme, experimentar uma nova *persona* ou redirecionar sentimentos; a dos externos (não confrontacionais e sem consequências) – quando o *cyberbully* não quer um encontro cara a

cara com a vítima ou tem medo de fazê-lo; e a daqueles baseados no fato do alvo ser diferente de alguma forma, por exemplo, na aparência (3).

Cyberbullies são mais propensos a relatar o uso de substâncias ilícitas e participação em atos delinquentes, a ser intimidados *off-line*, a exibir comportamentos problemáticos, a ter menor compromisso com a escola, a fazer maior consumo de tabaco e álcool, a comportar-se de maneira mais agressiva e a quebrar regras (18). Segundo o estudo de Park, Na e Kim (21), o *bullying* frequentemente decorre de fatores morais, de modo que pessoas com fortes crenças normativas sobre agressão são mais propensas a praticá-lo.

Ybarra e Mitchell (9) descobriram que os intimidadores virtuais se avaliam como peritos da Internet em comparação com aqueles que não fazem *cyberbullying*. Alguns atos realmente necessitam de conhecimento mais aprofundado, como invadir a página na web da vítima, mas outros, nem tanto, como mandar mensagens ofensivas (3). Quanto maior a habilidade no uso da Internet, maior a exposição do indivíduo a experiências negativas, inclusive *cyberbullying*, uma vez que intimidadores virtuais tendem a gastar

mais tempo on-line, participando de atividades como discussões on-line, downloads, jogos de azar e pornografia (21).

O agressor é tanto aquele que faz uma postagem ofendendo outro indivíduo numa página pública da web, quanto aquele que compartilha tal postagem (7). Dentre os adolescentes que usam a Internet, os que entram com maior frequência em salas de bate-papo têm 3,5 vezes mais chance de praticar *cyberbullying* do que aqueles que usam a rede mais para outros fins, exceto e-mails e mensagens instantâneas. 54% dos assediadores on-line se consideram especialistas em Internet, contra 6% que

se consideram novatos. Entre os não assediadores, 29% se consideram especialistas e 25%, novatos. A chance de relatar um comportamento de assédio na Internet é duas vezes maior no caso de quem avalia por conta própria a importância da Internet. O anonimato na rede pode servir para reduzir a consciência de si e a própria individualidade, o que enfraquece a capacidade de regular o próprio comportamento e resulta em uma menor probabilidade de preocupar-se com o que os outros pensam a seu respeito (12).

### Mídias utilizadas na prática do *cyberbullying*

Tabela 1. Mídias mais utilizadas para praticar *cyberbullying*

Autores	E-mail	Mensagens	Salas de bate-papo	Sites de redes sociais	Websites	Blogs	Ligações telefônicas	Website para compartilhamento de vídeos	Assistente pessoal digital	Jogos pela Internet
Shariff (2011) apud (1)	X	X	X	X						
(2)	X	X	X	X		X				
(3)	X	X	X		X					
(4)	X	X		X	X	X		X		
(5)	X	X	X		X	X				
(6)	X	X			X		X			
(7)	X	X			X		X		X	X
Spears (2011) apud (8)	X	X			X		X			
(9)	X	X			X					
(5)	X	X					X			
(10)	X	X	X	X						
(11)		X								



(12)	X	X	X	X	X					
(13)	X	X			X					
(14)		X						X		
TOTAL	13	15	6	5	9	3	4	2	1	1

Fonte: Elaborado pelos autores

O meio mais utilizado é o celular porque foge do controle parental. Quanto maior este, menor a exposição do jovem a comportamentos de risco (1). Em 2013, 75,2% da população brasileira e 76,7% de jovens entre 15 e 17 anos tinham telefone móvel celular para uso pessoal, de acordo com o IBGE (2015), o que cria um cenário propício a altas taxas de *cyberbullying*. O computador, por sua vez, é utilizado para enviar e-mails, invadir a conta da vítima em sites na web e mandar obscenidades e mensagens ofensivas, contendo ameaças e humilhações (13).

O estudo de Huang e Chou (26) investigou os tipos de *cyberbullying* nos três grupos: vítimas, agressores e espectadores. Os comportamentos mais comuns relatados por vítimas e agressores foram ameaças ou assédios, seguidos por piadas denegrindo a vítima e, por último, rumores sobre a vítima (3).

A prática pode ser feita via e-mails, salas de bate-papo, mensagens instantâneas, votações on-line, redes sociais, dentre outros meios. Nocentini

et al. (16) distribuiu em quatro classes as formas de praticar *cyberbullying* (11):

- escrita-verbal: ligações telefônicas, mensagens de texto e e-mails;
- visual: divulgação de imagens constrangedoras e/ou fotos;
- representação: forma mais sofisticada – uso ou roubo da identidade de alguém para revelar informações pessoais usando a conta on-line alheia;
- exclusão: ato de excluir deliberadamente o alvo de um grupo on-line.

O estudo de Tippett e Kwak (27) encontrou sete tipos de mídia para praticar *cyberbullying* descritos pelos alunos em pesquisa: chamadas de celular, mensagens de texto, imagem/videoclipe de assédio moral, e-mails, chat, mensagens instantâneas e sites. Na Coreia do Sul, têm-se detectado os jogos pela Internet como meio muito comum para *cyberbullying* (3).

No ambiente virtual, a livre expressão é permitida e não sujeita a controle social, o que dificulta sobremaneira remover as informações divulgadas *on-line* (11). Nesse contexto, estão chegando novas palavras descritivas: *sexting* descreve a circulação de imagens de cunho sexual por meio de celulares ou da Internet sem o consentimento das pessoas envolvidas; *trolling* descreve comentários abusivos persistentes em um site; *griefing* descreve a perseguição de alguém em um jogo ou mundo virtual (3).

#### **A proporção entre os gêneros**

Não há consenso na literatura científica sobre o gênero mais frequente dos envolvidos no *cyberbullying*. Por exemplo, para Calvete e colaboradores (28), bem como para Campbell e colegas (24), meninos se envolvem mais do que meninas; em contrapartida, para Smith et al. (29) e Livingstone, Görzig e Olafsson (30), há pouca ou nenhuma diferença significativa; segundo Rivers e Noret (31), Völlink e colegas (32) e Wade e Beran (33), por sua vez, as meninas se envolvem mais do que os meninos (3).

Um estudo feito com 5516 adolescentes finlandeses de 12, 14, 16 e 18 anos que responderam a um questionário sobre

*cyberbullying* mostrou que, dentre as meninas, é ligeiramente mais comum ser vítima do que agressora (11% contra 9%), enquanto, dentre os meninos, a proporção é de aproximadamente 10% para ser igualmente vítima, agressor ou testemunha (34).

Estudos feitos em Hong Kong e no Canadá concluíram que, apesar de variar a proporção entre os gêneros (em Hong Kong predominam meninos, enquanto, no Canadá, meninas mais ativamente envolvidas no *cyberbullying*), as meninas são em geral mais suscetíveis a serem vítimas (15).

Jackson e colegas (35) relataram que as meninas eram mais propensas a experimentar certas formas de *cyberbullying* (assédio com base no gênero, exclusão, postagem on-line de informações pessoais) e a sofrer impacto negativo das mensagens. Meninas relatam com maior frequência o sentimento de ter a reputação afetada pelo *cyberbullying*. Também lhes são atingidas a concentração e a capacidade de fazer amigos, o que as induz a querer intimidar os agressores ou a ter pensamentos suicidas (18).

Segundo o estudo de Wendt e Lisboa (1), a maioria das vítimas é do sexo feminino, mas não há diferença

significativa de gênero entre os perpetradores. Já no estudo supracitado de Souza, Simão e Caetano (14), da amostra de 118 alunos, 64,1% informaram que o perpetrador se tratava de uma pessoa do gênero feminino; 13,5%, de uma pessoa do gênero masculino; 3,7%, de um grupo do gênero feminino; 9,8%, de um grupo do gênero masculino; e 8,6%, de um grupo misto.

### **Perfil psicológico dos envolvidos em *cyberbullying***

Segundo a psicanálise, o agressor é, antes de tudo, sádico e inseguro. Sádico, porque exerce a violência sobre outra

pessoa como se esta fosse um objeto; inseguro, porque depende da vítima para afirmar-se, identificando-se, de certo modo, com ela e dela necessitando para poder ser reconhecido.

Quanto à vítima, exposta a situações de humilhações e agressões psíquicas ou físicas, pode adquirir vários transtornos, como baixa autoestima, depressão, pensamentos e ações suicidas, bem como violência explícita contra o agressor ou o meio social (36). Na tabela abaixo, estão relacionados os principais problemas psicológicos relacionados ao *cyberbullying* de acordo com os artigos analisados:

*Tabela 2. Impacto psicológico provocado pelo cyberbullying*

<b>Problemas psicológicos</b>	<b>Autores</b>
Suicídio ou ideação suicida	(15, 12, 18)
Ansiedade	(15, 12, 44, 24)
Solidão ou insegurança	(19, 12, 3, 15)
Baixa autoestima	(15, 18)
Raiva	(15, 3, 43)
Estresse	(15, 3, 44, 24)
Fobia/medo	(15, 3, 13, 36, 45)
Depressão	(15, 19, 12, 3, 13, 18, 44, 37, 32, 24, 45)
Uso de álcool e outras drogas	(19, 13)
Timidez	(19, 12)
Problemas psicossomáticos	(15, 18, 11)

*Fonte: Elaborada pelos autores*

Observa-se, pela tabela acima, que existe uma variedade de problemas psicológicos associados ao *cyberbullying*, sendo os mais citados

pelos referidos autores: depressão, solidão ou insegurança e suicídio ou ideação suicida.

Os jovens usam a Internet para diminuir seu sentimento de solidão e se

comunicar com outras pessoas, e *cyberbullies* precisam de suporte social, têm sentimentos infelizes e propensão ao uso de drogas (19).

As vítimas passam por grande estresse emocional, e grande parte delas vem de famílias monoparentais com problemas psicossomáticos (11) que se traduzem por efeitos físicos como perda ou ganho de peso, abuso de substâncias, enxaqueca, dor abdominal e problemas para dormir. Crescem também os problemas na escola, como baixo desempenho acadêmico, agressão, insegurança no ambiente e evasão (15). A pesquisa de Low e Espelage (37) avaliou 1023 adolescentes entre a 5ª e a 7ª séries e constatou que o *bullying* não físico, que abrange o *cyberbullying*, associa-se em maior grau com violência familiar do que com monitoramento parental, o que explica os relacionados sintomas depressivos.

Quanto maior a proximidade da pré-adolescência, piores os sintomas de estresse emocional, cujo risco aumenta diante de certos fatores: o fato de o agressor ser adulto, a publicação de foto da criança ou adolescente e episódios de contato agressivo off-line (11).

O pior impacto psicológico recai sobre quem acumula os papéis de vítima e

agressor (15), quando a solidão é um sentimento comum, relacionado a alcoolismo, infelicidade e timidez (19). Grande parte desse impacto se deve ao fato de que aproximadamente 25% das vítimas de *cyberbullying* não buscam atendimento especializado, com esse afastamento da clínica podendo causar prejuízos sérios (1).

A maioria das vítimas se incomoda, se constrange e tem danos emocionais. A raiva – o sentimento mais comum da vítima – revela-se como resposta saudável ao *cyberbullying*. Porém, há pessoas que relatam não se importar, mostrando haver estratégias de enfrentamento e de resiliência adaptativa, capazes de minimizar os danos emocionais (11). Para iniciar a prática de estratégias de enfrentamento, exige-se o diagnóstico da situação vivida pela vítima: o contexto, a intensidade, a frequência, o tempo de duração (14).

Considerando a relação já citada entre o tempo gasto na Internet e o *cyberbullying*, uma intervenção on-line pode ajudar a vítima a lidar com o trauma e suas consequências, sendo o ciberespaço o local perfeito para isso. As terapias pela Internet – consultas terapêuticas baseadas nas convencionais, mas feitas pela rede

internacional via celular e/ou e-mail – têm mostrado efeitos positivos. Um estudo de meta-análise de Andersson e colegas (38) mostrou que uma CBT (*cognitive behavioral therapy*) on-line surte efeitos muito semelhantes aos da terapia tradicional, com uma relação custo-benefício e acessibilidade maiores (15).

Outro exemplo é a *Online Pestkoppentoppen*, uma intervenção on-line que objetiva ensinar as vítimas a lidar com os sentimentos de ansiedade e depressão decorrentes do *cyberbullying* sofrido. Trata-se de um programa extremamente interativo que ensina as vítimas a substituir pensamentos irracionais por racionais, promovendo seu bem-estar, diminuindo as dificuldades no ambiente escolar e orientando sobre formas de prevenção (15).

Para quem não se adapta a um tratamento on-line, há também as formas convencionais. Uma das mais populares e bem-sucedidas é o Programa de Desenvolvimento de Sensibilidade Contra o *Cyberbullying*, que objetiva ensinar os alunos a desenvolver a sensibilidade para detectar situações propícias ao *cyberbullying* e se proteger da agressão, baseando-se na teoria da escolha e na

terapia de realidade, que têm foco no conceito de responsabilidade. Uma ideia subjacente é que pessoas com um desenvolvido senso de responsabilidade sabem definir seus objetivos e o que fazer para alcançá-los. Os participantes do programa, ao final do processo, devem estar conscientes das suas responsabilidades em ambientes virtuais e tomar precauções eficazes, aumentando o seu nível de sensibilidade em relação a situações perigosas (13).

#### **Como prevenir o *cyberbullying*: responsabilidade de pais, professores, colegas e instituições de ensino**

A legislação sobre *cyberbullying* é nova, porque o fenômeno é recente. Além disso, ela varia de país para país e de estado para estado. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, todos os estados têm leis que punem ao menos o *bullying* tradicional, enquanto, em alguns e no nível federal, já foram propostas leis que abrangem a modalidade eletrônica (7).

No Brasil, há a Lei nº 12.737/2012 (39), que trata como crimes virtuais tanto a invasão de computadores alheios ou redes, alterando ou furtando dados e/ou apagando informações e arquivos, quanto a falsificação de cartões de débito e crédito (40). Há também uma

lei recente (13.185), sancionada em novembro de 2015 (41), que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, o qual inclui *bullying* e *cyberbullying*, com o objetivo de dar assistência psicológica, social e jurídica a vítimas e agressores, além de promover a empatia e a cidadania, capacitando docentes, equipes pedagógicas, pais e familiares para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema e para a disseminação de campanhas de educação, conscientização e informação (42).

Há exemplos que deveriam ser seguidos mundialmente como uma lei do Catar que trata de abuso através de meios tecnológicos, além de outros exemplos como o OBPP (*Owels Bullying Prevention Program*) e o programa *antibullying* KiVa. No OBPP, pais, professores, estudantes e a comunidade são incentivados a trabalhar juntos para reduzir as taxas de *bullying*, redução essa que, de fato, vem ocorrendo em diferentes grupos etários pelo mundo. O KiVa é mais recente, originado na Finlândia em 2006, e possui foco no espectador e na responsabilidade deste de intervir e denunciar os casos de *bullying*. Apesar de a denúncia não ser pública, como no *bullying*

convencional, o espectador no *cyberbullying* se envolve mais em ações do KiVa. Por isso, ações que mudem a indiferença predominante para uma atitude responsável pode ajudar a parar as agressões (15).

Além das leis e dos programas *antibullying*, é necessário saber quais são os comportamentos de risco e as características de potenciais vítimas e agressores para poder intervir e prevenir. Por tais ações, são responsáveis pais, colegas, professores e instituições de ensino (1).

Sabe-se que, quanto mais um indivíduo segue a netiqueta, menor o risco de envolvimento com *cyberbullying*. No entanto, há também uma relação muito forte entre noção de netiqueta e comunicação diária com os pais. A influência parental nos valores sociais e a qualidade do tempo gasto com os filhos estão relacionadas ao mau comportamento on-line (21).

A tutela inadequada dos pais ou responsáveis e comportamentos violentos arraigados na cultura do indivíduo afetam o jovem, que se torna mais vulnerável ao *cyberbullying*, daí ser imprescindível não apenas ensinar os jovens a ter empatia, mas também modificar crenças de apoio à agressão,

orientar sobre comportamento seguro na Internet e, o mais cedo possível, desenvolver laços positivos entre pais e filhos. Pais com mais envolvimento e conhecimento das atividades de seus filhos na Internet reduzem o risco de que estes tenham um comportamento perigoso na web (12).

Os pais são os principais parceiros dos educadores na busca de soluções para *cyberbullying*. O desconhecimento desse papel por muitos pais ocorre, em parte, pela falta de consciência sobre o ambiente tecnológico de seus filhos, sobre os comportamentos que acontecem nesse espaço e sobre a ineficácia das respostas punitivas (18).

Essa parceria é importante, dada a forte ligação entre interações negativas no ambiente escolar e *cyberbullying* praticado e/ou sofrido através do computador de casa. Além disso, as crianças tendem a confiar mais em seus pais do que em professores ou funcionários das escolas para contar sobre o *cyberbullying*.

O estudo de Souza, Simão e Caetano (14) apresenta uma lista com algumas estratégias dos professores frente ao *cyberbullying* na percepção dos 118 alunos consultados:

- intervenção primária: ocorre antes da agressão. Trata-se de observar o comportamento dos alunos, informá-los sobre os perigos da tecnologia e realizar ações sobre o *cyberbullying*.
- intervenção secundária: tem seu foco nas vítimas. Trata-se de confortá-las, desencorajar o comportamento agressor e incentivar a denúncia;
- intervenção terciária: trata-se de contatar pais e familiares, envolvendo também a comunidade.

Embora existam essas diversas estratégias úteis, 2,5% dos participantes apontam para uma “intervenção limitada ou até mesmo inexistente” por parte dos docentes, dado que expõe tanto a significativa dificuldade desse grupo em lidar com o fenômeno do *cyberbullying*, quanto a necessidade de capacitar a comunidade acadêmica para poder intervir com eficácia e de forma sistêmica.

Os colegas também são fundamentais no combate e na prevenção ao *cyberbullying*. São eles as testemunhas, os que têm o poder de reforçar o ato do agressor ou de repudiá-lo, chegando até a denunciá-lo. As estratégias dependem do alvo da ação (14):

- face ao agressor: ruptura (romper contato com os agressores);

evitar envolvimento (não incentivar o comportamento e ignorar provocações);

- face ao fenômeno: confronto (ajudar a esclarecer os fatos, contatar autoridades policiais);
- apoio à vítima: ajuda direta (ajudar e ouvir a vítima, dialogar sobre o assunto, não recriá-la); ajuda indireta (buscar apoio profissional, apoiar a vítima nas medidas necessárias e na credibilidade, falar com familiares e/ou amigos sobre o fato); evitar prolongar o evento (evitar comentar sobre o fato).

Outro fator importante é o ambiente escolar, que deve inspirar a confiança dos alunos. Em ambientes positivos que incentivam o diálogo e se caracterizam pela liberdade de discussão entre eles e com os professores, os alunos tendem a relatar a adultos os incidentes de *cyberbullying* (18).

As vítimas se sentem ameaçadas e desamparadas, o que pode ter um impacto negativo no desenvolvimento acadêmico no ensino superior e nas áreas econômica, social e de saúde, daí a suma importância da ajuda de psicólogos escolares e outros profissionais de saúde, desde os primeiros anos até o ensino médio (43).

Hinduja e Patchin (7) sugerem que o *cyberbullying* pode ser reduzido através de medidas como as seguintes: aprender os nomes dos alunos para que não se sintam anônimos; construir a comunidade através do reconhecimento e da recompensa de boas práticas; atualizar-se tecnologicamente para saber em que os estudantes estão interessados e como estão gastando o tempo; definir e comunicar limites claros, monitorando o comportamento; responder de forma justa e consistente; incentivar não apenas a participação dos alunos no processo de tomada de decisões, mas também a comunicação de comportamentos impróprios (incluindo relatórios anônimos). Além disso, é importante que todos os adultos na escola, independentemente da função que exerçam, sejam o modelo daquilo que defendem, de modo a não haver desconexão alguma entre o que é dito e o que é feito no cotidiano.

Sabemos que as mensagens morais são comunicadas aos estudantes informalmente através de diversos meios e que o professor mais poderoso é muitas vezes o chamado currículo informal (18), ou seja, um conjunto de medidas que deveriam ser adotadas pelas instituições de ensino e dadas a conhecer aos alunos sem



necessariamente serem objeto de avaliações formais. Além de simplesmente ensinar sobre *cyberbullying*, o currículo deve capacitar os alunos em termos de letramento digital, competências tecnológicas, habilidades de pensamento crítico, netiqueta, e-segurança, avaliação dos próprios riscos on-line e medidas para proteger a reputação e a privacidade na Internet (18,21).

Para que isso seja possível, professores, prestadores de serviços psicológicos e administradores escolares precisam ser melhor informados sobre essas questões e melhorar as próprias habilidades, já que poucos estão familiarizados com até mesmo as formas básicas de redes sociais e tecnologia (18).

## CONCLUSÃO

Apesar de recente, o fenômeno do *cyberbullying* já alcançou uma distribuição global. Avançou em conjunto com as TICs e não regredirá sem uma ação de prevenção e combate também em escala global.

Dessa forma, é necessário, primeiramente, que todos os envolvidos de alguma forma com o processo educacional, incluindo pais, aprimorem e atualizem suas habilidades com as

TICs e se informem sobre os riscos do uso da Internet. Para minimizar as consequências do *cyberbullying*, são essenciais o engajamento dos colegas de alunos e o avanço de estudos sobre formas de terapia e estratégias de enfrentamento, juntamente com as ações de prevenção para diminuir o número de pessoas atingidas.

Podemos combater com força o *cyberbullying* através de políticas, programas anti-bullying/cyberbullying e a implantação e o aprimoramento do currículo informal. Mas tudo isso só terá o efeito desejado se cada usuário da Internet seguir a netiqueta, fazendo valer a ética no ambiente virtual.

## REFERÊNCIAS

1. Wendt GW, Lisboa CS de M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. *Psicol Clínica* [Internet]. Rio; 2013 Jun [citado 2016 Maio 17];25(1):73–87. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010356652013000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652013000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
2. Schultz, N.C.W (2012). A compreensão sistêmica do bullying. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 247-254.
3. Slonje R, Smith PK, Frisén A. The nature of *cyberbullying*, and strategies for prevention. *Comput Human Behav* [Internet]. 2013 Jan [citado 2015 Dec

- 6];29(1):26–32. Disponível em:  
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563212002154>
4. Seehra J, Newton J T, DiBiase A T 2011b Bullying in schoolchildren - its relationship to dental appearance and psychosocial implications: an update for GDPs. *British Dental Journal* 210: 411–415
5. von Marees N, Petermann F. *Cyberbullying: An increasing challenge for schools*. *Sch Psychol Int* [Internet]. 2012 Sep 20 [citado 2016 May 17];33(5):467–76. Disponível em:  
<http://spi.sagepub.com/content/33/5/467.full>
6. Dehue F., Bolman C., Völlink T. *CyberPsychology & Behavior*. April 2008, 11(2): 217-223. doi:10.1089/cpb.2007.0008.
7. Patchin JW, Hinduja S. *Measuring cyberbullying: Implications for research*. *Aggression and Violent Behavior*; 23, 69-74, 2015.
8. Gámez-Guadix M, Orue I, Smith PK, Calvete E. *J Adolesc Health*. 2013 Oct;53(4):446-52. doi: 10.1016/j.jadohealth.2013.03.030. Epub 2013 May 27.
9. Ybarra, M. L. and Mitchell, K. J. (2004), Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45: 1308–1316. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00328.x
10. Erdur-Baker, O (2015). *Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and risky usage of internet-mediated communication tools*. *New Media & Society*, 12(1),109–125.
11. Bottino SMB, Bottino CMC, Regina CG, Correia AVL, Ribeiro WS. *Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review*. *Cad Saude Publica* [Internet]. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2015 Mar [citado 2016 May 17];31(3):463–75. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2015000300463&lng=en&nrm=iso&lng=em](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300463&lng=en&nrm=iso&lng=em)
12. Ang RP. *Adolescent cyberbullying: A review of characteristics, prevention and intervention strategies*. *Aggress Violent Behav* [Internet]. 2015 Nov [citado 2016 Jan 15];25:35–42. Disponível em:  
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1359178915000968>
13. Tanrikulu T, Kınay H, Arıcak OT. *Sensibility Development Program against Cyberbullying*. *New Media Soc* [Internet]. 2013 Nov 21 [citado 2016 May 17];17(5):708–19. Disponível em:  
<http://nms.sagepub.com/content/17/5/708.full>
14. Souza SB, Simão AMV, Caetano AP. *Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento*. *Psicol Reflexão e Crítica*

- [Internet]. PRC; 2014 [citado 2016 May 17];27(3):582–90. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722014000300582&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000300582&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
15. Foody M, Samara M, Carlbring P. A review of *cyberbullying* and suggestions for online psychological therapy. Internet Interv [Internet]. 2015 Sep [citado 2016 Feb 29];2(3):235–42. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214782915000251>
  16. Kowalski, R. M., Limber, S. P. Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. *The Journal of Adolescent Health : Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 53(1), 13-20.
  17. Svoboda, E. (2014, October 16). Virtual Assault. *Scientific American Mind*, 25(6), 46-53.
  18. Cassidy W, Faucher C, Jackson M. *Cyberbullying* among youth: A comprehensive review of current international research and its implications and application to policy and practice. Sch Psychol Int [Internet]. 2013 May 8 [citado 2016 May 17];34(6):575–612. Disponível em: <http://spi.sagepub.com/content/34/6/575.full>
  19. Şahin M. The relationship between the *cyberbullying/cybervictimization* and loneliness among adolescents. Child Youth Serv Rev [Internet]. 2012 Abr [citado 2016 Maio 17];34(4):834–7. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0190740912000254>
  20. Baldry, A. C., Farrington, D. P., Sorrentino, A. (2015). “Am I at risk of cyberbullying”? A narrative review and conceptual framework for research on risk of cyberbullying and cybervictimization: The risk and needs assessment approach. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 36–51.
  21. Park S, Na E-Y, Kim E. The relationship between online activities, netiquette and *cyberbullying*. Child Youth Serv Rev [Internet]. 2014 Jul [citado 2016 Apr 13];42:74–81. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0190740914001522>
  22. Barlett, C. P., Gentile, D. A. (2012). Attacking others online: The formation of cyberbullying in late adolescence. *Psychology of Popular Media Culture*, 1(2),123–135.
  23. Sugarmam, D. B.; Willoughby T. (2013). Technology and violence: Conceptual issues raised by the rapidly changing social environment. *Psychology of Violence*, 3(1), 1–8.
  24. Campbell MA. *Cyber bullying* and young people: Treatment principles not simplistic advice [Internet]. [www.scientist-practitioner.com](http://www.scientist-practitioner.com) (paper of the week). 2007 [citado 2016 Maio 17]. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/14903/1/14903.pdf>
  25. Varjas, K., Talley, J., Meyers, J., Parris, L., & Cutts, H. (2010). High School

- Students' Perceptions of Motivations for Cyberbullying: An Exploratory Study. *Western Journal of Emergency Medicine*, 11(3), 269–273.
26. Huang Y, Chou C. An analysis of multiple factors of *cyberbullying* among junior high school students in Taiwan. *Comput Human Behav* [Internet]. 2010 Nov [citado 2016 Mar 13];26(6):1581–90. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563210001779>
27. Tippett N, Kwak K. *Cyberbullying in the Global Playground* [Internet]. Li Q, Cross D, Smith PK, editors. *Cyberbullying in the Global Playground: Research from International Perspectives*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell; 2012 [citado 2016 May 19]. 202-219 p. Disponível em: <http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0-84868202575&partnerID=tZOtx3y1>
28. Calvete E, Orue I, Estévez A, Villardón L, Padilla P. *Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile*. *Comput Human Behav* [Internet]. 2010 Sep [citado 2016 Mar 13];26(5):1128–35. Disponível em: <http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0-77955267494&partnerID=tZOtx3y1>
29. Smith PK, Mahdavi J, Carvalho M, Fisher S, Russell S, Tippett N. *Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils*. *J Child Psychol Psychiatry* [Internet]. 2008 Apr [citado 2016 Feb 12];49(4):376–85. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18363945>
30. Livingstone S, Haddon L, Görzig A, Ólafsson K. Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings. London; 2011.
31. Rivers I, Noret N. “I h8 u”: findings from a five-year study of text and email *bullying*. *Br Educ Res J* [Internet]. 2010 Aug [citado 2016 May 19];36(4):643–71. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1080/014119209030718>
32. Völlink T, Bolman CAW, Dehue F, Jacobs NCL. Coping with *Cyberbullying: Differences Between Victims, Bully-victims and Children not Involved in Bullying*. *J Community Appl Soc Psychol* [Internet]. 2013 Jan 27 [citado 2016 May 17];23(1):7–24. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/casp.2142>
33. Wade A, Beran T. *Cyberbullying: The New Era of Bullying*. *Can J Sch Psychol* [Internet]. 2011 Mar 21 [citado 2016 May 17];26(1):44–61. Disponível em: <http://cjs.sagepub.com/content/26/1/44.abstract>
34. Lindfors PL, Kaltiala-Heino R, Rimpelä AH. *Cyberbullying among Finnish adolescents--a population-based study*. *BMC Public Health* [Internet]. BioMed Central; 2012 Jan 23 [citado 2016 May 17];12(1):1027. Disponível em: <http://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-12-1027>
35. Jackson M, Cassidy W, Brown KN. “you were born ugly and you'll die ugly

- too”: *Cyber-Bullying as Relational Aggression* [Internet]. Vol. 15, In Education: Special Issue on Technology and Social Media. 2009 [citado 2016 May 19]. Disponível em: <http://ineducation.ca/ineducation/article/view/538>
36. Azevedo P. *Cyberbullying* no Diário de Notícias. Comunicações no III Seminário de I&DT: valorizar o saber, criar oportunidades. Instituto Politécnico de Portalegre; 2013.
37. Low S, Espelage D. Differentiating cyber *bullying* perpetration from non-physical *bullying*: Commonalities across race, individual, and family predictors. *Psychol Violence* [Internet]. 2013 [citado 2016 May 17];3(1):39–52. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/vio/3/1/39>
38. Andersson G, Cuijpers P, Carlbring P, Riper H, Hedman E. Guided Internet-based vs. face-to-face cognitive behavior therapy for psychiatric and somatic disorders: a systematic review and meta-analysis. *World Psychiatry* [Internet]. 2014 Oct [citado 2016 Feb 14];13(3):288–95. Disponível em: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=4219070&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>
39. BRASIL. Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Brasília, DF; 2012.
40. Wanzinac C, Scremin SF. Sexting: comportamento e imagem do corpo. *Divers@!* 2014;7(2):22–9.
41. BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF; 2015.
42. Costa MMM da, Porto RTC. As práticas restaurativas nas escolas enquanto política pública de prevenção e enfrentamento ao *bullying* a partir de uma análise do projeto de lei no. 5.369-e/2009. In: Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea [Internet]. 2015. Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14257>
43. Beran TN, Rinaldi C, Bickham DS, Rich M. Evidence for the need to support adolescents dealing with harassment and cyber-harassment: Prevalence, progression, and impact. *Sch Psychol Int* [Internet]. 2012 Sep 20 [citado 2016 May 17];33(5):562–76. Disponível em: <http://spi.sagepub.com/content/33/5/562.full>
44. Tomşa R, Jenaro C, Campbell M, Neacşu D. Student’s Experiences with Traditional Bullying and Cyberbullying: Findings from a Romanian Sample. *Procedia - Soc BehavSci* [Internet]. 2013 May [citado 2016 Abr 13];78:586–90. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813009257>
45. Casado AGP. Cyber bullying: violência virtual e o enquadramento penal

no Brasil - Penal. Âmbito Jurídico  
[Internet]. 2011 [citado 2016 May  
17];XIV(95). Disponível em:  
[http://www.ambito-  
juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos  
\\_leitura&artigo\\_id=10882&revist  
a\\_caderno =3](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10882&revista_caderno=3)